DOI 10.20504/opus2018c2415

Uma flautista francesa em múltiplos caminhos brasileiros – entrevista com Odette Ernest Dias

Maura Penna
(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)

Na tarde de 12 de agosto de 2018, numa atmosfera de inverno carioca, estive com a Prof.ª Odette Ernest Dias, então com 89 anos, em seu apartamento em Santa Teresa. Tendo sido sua aluna na Universidade de Brasília (UNB), considerando-a como amiga e pessoa importante em minha própria trajetória musical e acadêmica, há muito queria poder ir ao Rio de Janeiro para esta conversa sobre seu percurso musical e docente. Nesse encontro – que, por morarmos em cidades distantes, teve que ser agendado com antecedência –, falamos de muitas coisas, e pude colher seu relato de caminhos e memórias, que refletem a sua longa e rica – e por que não dizer admirável – história de vida.

PENNA, Maura. Uma flautista francesa em múltiplos caminhos brasileiros – entrevista com Odette Ernest Dias. *Opus*, v. 24, n. 3, p. 322-336, set./dez. 2018. http://dx.doi.org/10.20504/opus2018c2415

Submetido em 10/10/2018, aprovado em 16/11/2018.

Marie Thérèse Odette Ernest Dias formou-se pelo Conservatoire National de Musique (Conservatório Nacional de Música), em Paris, onde estudou no período do pós-guerra, graduando-se em 1951. No ano seguinte veio para o Brasil, convidada para a Orquestra Sinfônica Brasileira, na qual tocou até 1969, quando passou para a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, da qual participou até 1974. Exerceu as funções de solista de orquestra, recitalista e camerista, tocando em diversos espaços da música popular e erudita, inclusive em diversas rádios e na orquestra da TV Globo. Participou de gravações com inúmeros artistas da música popular, inclusive da histórica gravação, em 1958, de músicas de Tom Jobim por Elizeth Cardoso[1]. Além de toda sua atividade artística, entre 1955 e 1964, foi mãe de seis filhos:

> […] cinco se tornaram músicos profissionais com o sobrenome Ernest Dias: Beth (flauta), Jaime (violão), Claudia (flauta), Andrea (flauta) e Carlos (oboé). Só Irene escapou da sina musical: depois de aprender violoncelo, virou tradutora e revisora. Alguns dos 17 netos seguem a mesma linha[2] (FRANCISCO, 2012: 197).

Em 1974, mudou-se com a família para Brasília, para ser professora do Departamento de Música da UnB, onde atuou até 1994. Odette continua lecionando flauta na Pró-Arte e no Conservatório Brasileiro de Música, em cursos livres ou superiores. Sempre está envolvida em novos projetos de produção artística, de performance ou de atuação cultural. Estava programado ainda, para este ano de 2018, o lançamento de um CD com músicas para flauta e vibrafone, gravado com seu neto, o percussionista Lourenço Vasconcellos. Pude ouvir algumas faixas – embora ainda não masterizadas – durante nosso encontro, constatando com prazer que Odette está sempre inovando e se renovando em propostas criativas.

Quando nos encontramos, ela havia chegado há alguns dias de uma viagem a Diamantina/MG, onde tocou e foi homenageada na inauguração, no final de julho, do Ateliê do Choro[3]. Sua relação com esta cidade é longa, desde a década de 1980, com sua participação nos Festivais de Inverno[4] e em atividades de musicologia, com pesquisa nos acervos da cidade, até uma residência artística em 2016, como parte de um projeto da Fundação de Educação Artística e da Secretaria Musical da Cultura de Minas Gerais (cf. DIAS, 2017. ASPAHAN, 2017). Na semana anterior, tinha se apresentado em evento[5] promovido na Pró-Arte (Fig. 1).

Ao longo de nossa longa conversa/entrevista, que aqui apresento editada[6], tive que questionar algumas de minhas próprias ideias e concepções. De início, apesar de Odette ser

[1] Para maiores detalhes sobre sua carreira e produção artística, cf. o verbete a seu respeito no *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira* (on-line).

[2] Odette casou-se com o brasileiro Geraldo Waldomiro Dias em 1954, no Rio de Janeiro, com quem teve seis filhos, e enviuvou em 1994. Atualmente, Odette tem também 10 bisnetos.

[3] Conforme notícia no jornal *Voz de Diamantina*. Foto de Odette na inauguração está disponível em: <https://www.instagram.com/ateliedochoro/>. Acesso em: 2 out. 2018.

[4] A profa. Odette Dias também participou dos Festivais de Inverno de Ouro Preto, nos quais tive aulas com ela antes de ir cursar Música (Bacharelado em Flauta e Licenciatura) na UnB. A participação nos festivais de 1973 e 1975 foram de fundamental importância para meu trajeto musical e de vida.

[5] Apreciação Musical com Odette Ernest Dias e Roberto Ritigliano. A respeito, cf. <https://www.facebook.com/events/500867337018825/?ti=cl>. Acesso em: 1º out. 2018.

[6] Na ocasião da entrevista, a Prof.ª Odette Ernest Dias deu-me seu consentimento para utilizar livremente o depoimento gravado em pesquisas e publicações. Mesmo assim, essa versão – centrada na sua atuação como professora e editada em função da publicação em periódico acadêmico – foi-lhe apresentada, sendo por ela aprovada.

formada pelo Conservatório de Paris, sua trajetória e experiência vão muito além da música erudita ou da performance orquestral. Num momento histórico de execuções musicais ao vivo, tocou em diversas orquestras dos meios de comunicação da época. Além disso, em sua estadia no Planalto Central do país, além de ser fundadora do Clube do Choro de Brasília[7], desenvolveu, como professora da UnB, pesquisas sobre o bumba meu boi de Seu Teodoro, da cidade-satélite de Sobradinho. Foi até "madrinha de boi"[8], como me relatou com orgulho.



Fig. 1: Odette Ernest Dias em apresentação na Pró-Arte (Rio de Janeiro), 9 de agosto de 2018.
Fonte: Susi Flute, aluna de Odette.

Além disso, apesar de minha desconfiança de abordagens personalistas, percebi muito claramente, em sua trajetória docente, a relação íntima e essencial entre a pessoa de Odette e sua atuação como professora:

> A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. […] Eis-nos de novo face à **pessoa** e ao **profissional**, ao **ser** e ao **ensinar**. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o **eu** profissional do **eu** pessoal (NÓVOA, 2013: 17, grifos do autor).

Finalmente, Odette é um exemplo de vida, de muitas conquistas e superações. Viveu em tempos de guerra, na França ocupada. Teve coragem de se aventurar sozinha no Brasil – valendo

[7] A respeito, cf. Lion (2012). Está disponível no YouTube um vídeo de Odette executando, em 2012, aos 83 anos, diversos choros: <https://www.youtube.com/watch?v=DSgKhbtDWWo>. Acesso em: 2 out. 2018.
[8] O ciclo do bumba meu boi começa com o batizado e encerra-se com a morte do boi. O ritual do batismo do boi não costuma ser aberto, e ser convidada para ser madrinha do boi implica um vínculo com o grupo de brincantes e uma responsabilidade (MARTINS, 2015: 65).

dimensionar o que significava isso em 1952 para uma moça solteira e sozinha, em uma capital latino-americana. Adiante, quando já estava bem estabelecida no Rio de Janeiro – em termos financeiros e de reconhecimento profissional –, transferiu-se com a família para uma cidade recém-criada no Planalto Central do país, assumindo a inserção em uma instituição educacional e tendo na docência o compromisso profissional central. Naturalizou-se brasileira em 1995. Após sua aposentadoria da UnB, enfrentou dificuldades e perdas. No entanto, sempre ativa e com novos projetos, é um exemplo de resiliência. Este conceito da psicologia abarca tanto a capacidade de adaptação quanto habilidades de enfrentamento e recuperação. No entanto, embora possa haver diferenças no seu emprego e interpretação, Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011: 269) afirmam que autores nacionais e internacionais, atualmente, "concebem que a capacidade de resiliência vai muito além de se recuperar de um dano, pois implica uma superação do que se era, bem como crescimento pessoal".

Dentre tantas coisas que poderiam ser exploradas em seu depoimento daquela tarde de domingo, trazendo contribuições para os estudos da área de música, nos limites aqui possíveis, focalizo a Odette professora. Apesar de meu interesse específico situar-se no campo da educação musical, seu relato sobre "ser professora de flauta" revela muito mais: questões relacionadas com a performance, a composição, a (etno)musicologia e, especialmente, a sua formação humanista. Enfim, a concepção do ensino como interação humana.

Do Rio de Janeiro à docência no Planalto Central

Maura Penna: Eu queria que você focalizasse a sua trajetória como professora no Brasil. Como você encarou e assumiu a docência aos poucos? Porque você veio para tocar, mas depois se tornou professora. Então, estou interessada na sua história como professora.

Odette E. Dias: Como professora, não quer dizer que seja ligada a uma instituição, mas como pessoa que dá aula. Quando eu cheguei ao Brasil, em 1952, eu realmente não tinha dado aulas – uma aula oficialmente – em Paris. Uma ou outra pessoa me procurou para fazer um acompanhamento ao piano. Mas o primeiro aluno que eu tive era um inglês que me procurou porque tinha me ouvido tocar num programa de rádio bem quando eu cheguei... Isso deve ter sido em 1956, mais ou menos, e ele queria aula. Ele vinha ao meu apartamento, e eu não estava acostumada... Mas eu via uma pessoa na minha frente que queria que eu passasse conhecimento para ela. E depois ele continuou me procurando por vários anos. Depois disso, eu continuei a atividade.

Não continuei especialmente dando aula. Mas, no final da década de 1950, fui chamada para o Conservatório Brasileiro de Música. Liderado por Cecília Conde, naquela época o Conservatório tinha um espírito musical muito alto, e eu me encaixava muito bem.

Maura Penna: Você me contou que, pelo menos nas décadas de 1950, 1960, talvez até 1970, o Conservatório Brasileiro e a Pró-Arte[9] eram instituições livres, onde havia uma convivência entre os professores de instrumentos, os compositores, o pessoal que fazia pesquisa com o folclore – que eu poderia chamar, hoje em dia, de etnomusicólogos. Então, você dava aulas nessas duas escolas, além de tocar. Tocava em vários lugares e orquestras antes de ir para a UnB, não é?

[9] A Escola de Música Pró-Arte, do Rio de Janeiro, foi criada em 1957, sob a direção de Maria Amélia Rezende Martins, por demanda dos frequentadores de seus Seminários em Teresópolis.

Odette E. Dias: Quando fui com a Orquestra Sinfônica tocar em Brasília, o pessoal da UnB me procurou: "Você tem que vir para cá". Aqui no Rio eu tocava na Orquestra, em coisas da TV Globo, dava aula, gravava quase todo dia...

Maura Penna: Uma correria...!

Odette E. Dias: Em 1973, mandaram a passagem para mim. "Agora você tem que vir. A gente vai até anunciar o curso." Tomei uma decisão. Foi um escândalo na família, você pode imaginar. Teve gente que disse: "Odette, você é louca? Você aqui no Rio está ganhando bem!". Falei: "Sim, mas estou trabalhando quase 24 horas!". "Agora você vai virar professora!" Está entendendo? Como se fosse uma coisa...

Maura Penna: Ruim. Desprezível.

Odette E. Dias: Uma coisa feia. "Como assim, você vai ser professora?" Falei "Sim, estão me chamando como professora". "E você vai deixar de tocar?" "Não sei, para mim é uma incógnita. Uma mudança para mim." Tudo bem, eu já era professora: dava aula no Conservatório, dei aula no Museu da Imagem e do Som... Mas eram coisas muito abertas. De repente, estava em uma instituição acadêmica!

Quando cheguei à UnB, no departamento não tinha nada. Bom, e agora? Vou ser professora. E cadê os alunos? Aí apareceu o Nivaldo Souza[10], meio desconfiado, porque ele já tocava bem. Depois ficamos muito amigos. E foram aparecendo alguns alunos... Uma vez, em uma reunião do departamento, perguntaram: "Que alunos você tem?". E me disseram que alguns deles não iam tocar nada, nunca. Só falei: "Não, não me incomoda!". Se me pedem aula, eu vou dar aula. Eu não quero saber se é principiante, não quero saber de nada disso. Essa pessoa está ali, então vamos ver o que acontece.

Maura Penna: Você focalizava a pessoa. Isso é importante.

Odette E. Dias: Até hoje, quando eu falo dos alunos que eu tenho hoje, eu focalizo a pessoa. Essa ideia do que a pessoa procurava... O que a pessoa procurava, naquele tempo?

Maura Penna: Tocar, se expressar.

Odette E. Dias: Sim, se expressar. Isso tudo é expressão e comunicação. Para mim, é isso que resume a questão. Nunca me neguei a dar aula. Muita gente me perguntava: "Você dá aula para principiante?". Olha, não sei primeiro o que é um principiante. Principiante em quê? Ele quer saber alguma coisa? Vamos ver o que acontece. Você conhece a tese do Raul d'Ávila[11]?

Maura Penna: Conheço, sim. Dei um depoimento para ela.

Odette E. Dias: O método sem método. Eu falei para ele: "Raul, isso já implica uma definição". Implica uma definição minha, que concordo plenamente. É uma coisa que surge conforme a pessoa que aparece: **eu aprendo a ensinar com cada aluno**. Não tenho a ideia de não aplicar método. Não sou contra os métodos. A pessoa que quer saber, que quer se aproximar, não vou discriminar: primeiro ano, segundo ano...

[10] Nivaldo Souza, que foi professor da Escola de Música de Brasília de 1968 a 1996, aparece tocando junto com Odette no vídeo "Waldir Azevedo e Clube do Choro de Brasília na residência de Odette Ernest Dias, Década de 1970", disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=5limu5kP_mA>. Mais informações sobre Nivaldo Souza em: <http://www.clubedochoro.com.br/programacao/grupo-bom-tempo/>. Ambos acessados em: 1º out. 2018.

[11] Ela refere-se à tese *Odette Ernest Dias: discursos sobre uma perspectiva pedagógica da flauta* (ÁVILA, 2009; cf. também ÁVILA, 2006).

Maura Penna: Uma coisa importante: você nunca descriminou ninguém por não ter musicalidade, nem talento, nem coisas desse tipo. Você nunca teve essa ideia de que a pessoa não pudesse aprender.

Odette E. Dias: Não! Você se lembra do Mauro Senise[12]? Um dos maiores músicos que conheci assim! Estava chegando da Inglaterra, nos anos 1960, por aí. Tinha uns 20 anos, não sabia o que fazer da vida. Chegou à porta. Não sabia nada; começou até com dificuldade e tudo. Ele temia se expressar... Muitos alunos que eu tive são muitos bons profissionais.

Maura Penna: Eu sei. Mas eu perguntei se você discriminava as pessoas porque são musicais ou não são musicais, se têm talento, porque ainda hoje eu vejo alguns professores de instrumento discriminando alunos dessa maneira.

Odette E. Dias: Discriminam, sim, até pela condição social, às vezes. Veja só: tem uma moça que eu dou aula para ela aqui em casa agora. Ela toca na rua. É a única pessoa para quem dou aula aqui em casa. Deve ter uns 29 anos, magrinha. Ela me procurou. Ela estuda, tem conhecimento de teoria, toca até coisas clássicas. Ela vem com a flauta e uma estante na mochila dela. Falei: "Você toca de cor?". Ela disse: "Não, eu sempre boto a partitura na estante, porque as pessoas pagam mais".

Maura Penna: Sim. Porque acham que ela sabe ler partitura...

Odette E. Dias: Uma vez eu estava participando de uma comemoração no fim do ano, no Natal. Eu gosto de tocar de cor, mais livremente. Aí um médico me perguntou: "Muito bonito. Mas você toca também por partitura?".

Maura Penna: Infelizmente, ainda existe essa visão de que um bom músico é quem lê partitura.

Odette E. Dias: Antigamente, na França, tinha professor de piano que proibia a criança de tocar de cor, tinha que ler.

Maura Penna: É interessante isso, porque é um modelo de música, da música notada, que é valorizado socialmente.

Odette E. Dias: Sim, infelizmente. É um valor social e econômico. Mas não quero sair do assunto...

"Talvez eu seja a pessoa mais velha que toca"

Maura Penna: Então, voltando. Você me disse que os seus alunos se aposentam, mas você não.

Odette E. Dias: Na UnB, eu fui aposentada. Eu continuei com abono de permanência. Mas eu continuo até hoje... Encontrei um colega em uma apresentação na Pró-Arte e falei com ele sobre o projeto da Claudia Castro de aproximar gerações. Ele tem 86 anos. Eu tenho um pouquinho mais e tudo bem.

Maura Penna: Que projeto é esse?

[12] Para maiores detalhes sobre a carreira e produção artística de Mauro Senise, consultar o verbete a seu respeito no *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira* (on-line). Lá consta que: "Aprofundou seus estudos na Pró-Arte, assistindo ao curso de flauta transversa ministrado pela professora Odette Ernest Dias, através de quem descobriu a riqueza da música de Pixinguinha e das sonatas de Bach".

Odette E. Dias: A Claudia Castro é diretora do Museu Villa-Lobos[13]. A ideia que ela tem é de fazer um projeto para aproximar as gerações. Procurar as pessoas mais velhas, que talvez estejam no Retiro dos Artistas... Pessoas como eu, que são pouquíssimas. Fazer com que os jovens procurem essas pessoas para troca. Não é aquela coisa piegas, da vovozinha. A ideia do projeto é que as pessoas têm idade e não podem negar o passado, mas têm que ter contato com o momento. São poucas pessoas. Talvez eu seja a pessoa mais velha que toca. Eu toco com o Lourenço Vasconcellos, meu neto; eu gravei com ele. Ele tem 30 anos e eu vou fazer 90. Então a gente partiu do número 3, aquela ideia do 3, aquele balanço da valsa brasileira... aquela hesitação.... É uma beleza! Eu também escrevi falando dessa questão da simbologia, do número 3, o ímpar. Gravamos o disco agora, há poucos meses. Vai ser lançado no dia 25 de outubro [de 2018]. Chama-se *Ondas Reflexas*.



Fig. 2: Odette e seu neto Lourenço Vasconcellos, em apresentação por ocasião do lançamento do CD *Ondas Reflexas*, 25 de outubro de 2018[14].
Fonte: Susi Flute, aluna de Odette.

Maura Penna: Ótimo. Então o seu último projeto é esse, com o seu neto.

Odette E. Dias: Gravei agora, há poucos meses. Pode ser que não seja o som que eu tinha há 10 anos, mas tem algo especial junto com ele. Você tem aquele *Horizontes*[15]?

Maura Penna: Tenho, sim. Aquele disco é fantástico! A sua proposta de juntar as sarabandas de Bach com a música de Paul Horn, na flauta solo. Fala um pouquinho do projeto de *Horizontes*.

Odette E. Dias: O disco *Horizontes* partiu da ideia do som do mar. "*La mer toujours recommencée*" – do poeta Paul Valéry[16]. Foi gravado ao vivo na Igreja do Caraça[17].

[13] Disponível em: <http://museuvillalobos.org.br/museuvil/equipe/index.htm>. Acesso em: 1° out. 2018.
[14] A respeito do concerto de lançamento do CD, promovido por França no Rio – Consulado da França e Bibliofrança – cf. <https://www.facebook.com/events/552832861824497/>. Acesso em: 11 nov. 2018.
[15] CD gravado pela Fina Flor, em 2011, traz no encarte aquarelas da própria Odette. As gravações do álbum estão disponíveis em: <https://open.spotify.com/album/5GYWS1M8vBhmrilZ13XdAH?si=-pTRU7NrQ8q9CehQF3sL6Q>.



Fig. 3: Foto de Odette no encarte do CD *Horizontes.*

Maura Penna: Você tem sempre um projeto novo!

Odette E. Dias: Mas agora, às vezes, fico um pouco mais cansada. Acabei de fazer uma viagem para Diamantina. Valeu, mas fiquei muito cansada. Eu até penso que vou parar tudo...

Maura Penna: Parar tudo você não aguenta, Odette!

Odette E. Dias: Continuo a dar aula, porque também tem procura. Muitas pessoas me procuram pelo meu jeito de dar aula. Tenho um aluno que era engenheiro nuclear, não sabia nem arrumar a flauta. Por outro lado, um tem 60 anos agora e se aposentou: "Ah, não! Porque já trabalhei muito!". Essa palavra. Não é um trabalho, é uma vivência. Porque trabalho implica que você trabalhe com o suor na testa, como um castigo. "Trabalho *vs.* Descanso." Para mim, não existe isso...

Maura Penna: Eu entendo, porque eu passo muitos finais de semana trabalhando com os meus textos, corrigindo trabalhos dos alunos. Porque esse é o sentido de vida para mim. Eu acho que isso tudo é o sentido de vida para você também.

Odette E. Dias: Porque, querendo ou não, a gente sempre volta nesses assuntos que mexem com a gente. Principalmente na música. Se você se dedicou, não só intelectualmente, mas

[16] "O mar, o mar, sempre recomeçado!", do poema *Le Cimetière Marin* (1920), do poeta francês Paul Valéry. Para o poema original, cf. <https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Cimetière_marin>. Para uma tradução em português, de José André López González, cf. <https://ditirambospoesia.wordpress.com/2018/01/10/o-cemiterio-marinho/>.

[17] A respeito, cf. <http://www.santuariodocaraca.com.br/complexo-santuario-do-caraca-o-que-e/>. Acesso em: 1° out. 2018.

fisicamente... socialmente.... se arriscando em apresentações... então, de repente: "Agora estou aposentado! Agora vou curtir a vida, chega de trabalhar!".

Maura Penna: Você curtiu a vida fazendo o que você gosta, com a flauta, ensinando. Isso tudo tem a ver. Porque tem que ver o significado que a flauta, a música, o ensinar têm para você. Não é uma coisa separada da sua vida, como para mim também a minha atividade como docente não está separada da minha vida. Acho que isso também é importante. Mas vamos voltar um pouco. Eu queria que você falasse do período da UnB, porque você passou bastante tempo lá, de 1974 até 1994, vinte anos na UnB!

Odette E. Dias: Além de tocar flauta... Tem um pequeno texto que escrevi agora sobre a questão estética. A beleza para mim não está no objeto, está no olho de quem vê. Você pode olhar tudo... Então, quando eu estava no departamento, me interessou muito o entorno de Brasília, a novidade. Imagina! Quando saí da França, em 1952, Brasília nem existia, eu nunca imaginava que eu pudesse ser um dia professora em um lugar como Brasília, completamente novo!

A interação humana como essencial à docência

Maura Penna: Queria que você falasse um pouco mais das aulas de flauta na UnB.

Odette E. Dias: Você me contou que quem chega (na UFPB) já conhece alguma coisa de música[18], mas lá tinha gente que não conhecia nada...

Maura Penna: Sim, até porque lá em Brasília não tinha prova específica, entrava gente sem saber nada.

Odette E. Dias: Mas prova específica baseada em quê? A pessoa quer tocar, quer se expressar... Então tinha gente que queria se expressar, mas não sabia nada, nada de música. Então tem que haver essa vontade de produzir, de produzir um som. Senão, o que acontece com a prova específica? Já vai eliminar certas pessoas que não tiveram a oportunidade de ter uma flauta, de ter dinheiro para pagar ônibus...

Maura Penna: Há muita discussão a respeito das provas específicas.

Odette E. Dias: Para mim, essas pessoas são iguais. Outra coisa, a prova, você tem que dar notas. Como que eu vou dar nota para a pessoa? Cada uma dessas pessoas diferentes, cada uma se esforça de maneira diferente. Nunca reprovei ninguém. Vou reprovar em nome de quê? De que conhecimento preliminar?

Maura Penna: Eu entendo...

Odette E. Dias: Então, para mim, essas provas...! Quando eu saí da França, eu já tocava em orquestra de câmara, já tinha viajado como solista, mas larguei tudo! Vim para um lugar desconhecido. Estava aqui no Rio, também, numa situação superativa. Larguei tudo, cheguei a uma cidade desconhecida, um departamento precário, com alunos completamente desiguais. A igualdade que eles tinham era o desejo de se expressar: a pessoa quer se expressar. Acabou que deu resultado.

Maura Penna: Quer dizer que você nunca colocou a técnica acima da expressão?

[18] Para o ingresso nos cursos de bacharelado e licenciatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), há um processo seletivo diferenciado, que combina as notas do Enem com provas específicas, de instrumento ou canto, teoria, percepção.

Odette E. Dias: Não.

Maura Penna: Porque, até hoje, existem professores que fazem isso.

Odette E. Dias: Em nome de quê? Tem um trechinho na música, às vezes, difícil. Vamos analisar aquele trecho, qual é o intervalo, qual é a mecânica desse lugar, se é manual ou sopro. É uma eterna pesquisa.

Maura Penna: Então, vejamos. A gente estudava lá em Brasília com o método de flauta Taffanel e Gaubert, mas a gente não o seguia rigidamente. Também você procurava um repertório para cada aluno. Fale um pouco sobre isso.

Odette E. Dias: A curiosidade, se quiser! É em função da minha própria curiosidade, entende? Eu não tenho uma linha certa entre o barroco e o contemporâneo. Por exemplo, estou descobrindo mais agora a questão da improvisação, a gente era muito limitada na questão de improvisação... Mas para mim, hoje em dia, parece que você está se desvendando... Engraçado falar isso na minha idade...!

Maura Penna: É ótimo que você tenha novas descobertas.

Odette E. Dias: A gente nunca para de descobrir!

Maura Penna: Então, Odette, quando eu cheguei para estudar com você, eu já estava um pouco marcada por um certo tipo de ensino, sabe? Por isso, na época, eu nem percebi o quanto... a sua maneira de ensinar era especial, porque eu tinha vindo desta outra experiência. Eu pensava assim: a Odette é professora de flauta, eu gosto muito dela, eu gosto da família dela. Mas é uma professora, aspas, **normal**. A gente estuda com Taffanel e Gaubert, coisa e tal. Depois, com o tempo, pensando as questões de educação musical, é que eu vi, vamos dizer, a sua grandiosidade como professora: você nunca colocou a técnica como um objetivo em si mesma, sempre respeitou o desejo dos alunos. Fale mais sobre isso.

Odette E. Dias: O que quer dizer arte? Quer dizer fazer. Então tudo que você faz é técnica. Tem gente que pensa que técnica é fazer muita escala antes de tocar uma música. Mas não! A escala também é música. A emissão do primeiro som é música. O que você está fazendo é arte. Eu penso assim, apesar de ser muito criticado até hoje. O que chamam de técnica? Fazer um maior número de notas no menor espaço de tempo? "Isso é técnica." Não! A primeira nota, ela tem significado. Junta tudo: sua compreensão, sua vontade, seu físico. Tudo. Então, isso que é técnica. É a soma de participação cerebral, emocional, corporal. Isso é técnica, isso é o significado. Agora, muitas vezes se separa o exercício técnico.

Maura Penna: Essa é a questão que eu acho que muita gente confunde. A técnica deve estar a serviço da expressão, e não como objetivo em si mesma.

Odette E. Dias: Eu não repudio a palavra: o bom significado da técnica é fazer arte. É arte. **Artex**, entende? Isso que é arte. O que você faz. Isso que é técnica **e** expressão. Não é uma coisa separada. Agora, por exemplo, se você toca uma coisa mais complexa e, de repente, tem um agudo ou um dedilhado difícil... eu já errei uma vez, segunda vez... Para! O que aconteceu aí? A minha leitura, sopro, a questão do movimento, dedos... Assim, eu vou pegar aquele pedaço no intervalo, sentir o movimento, eu faço cada vez mais para mim... Depois, eu vou separar esse pedaço. Não vou ficar repetindo dez vezes o que já sei. Dez vezes apanho no mesmo lugar. Você tem que focalizar aqui. Isso que é técnica. Eu vou estudar isso daqui e depois vou juntar com o resto. Trabalho aquele pedaço e agora vou experimentar tocar tudo. Isso que é estudo técnico. Especialmente na música contemporânea.

Maura Penna: Você está corretíssima. Inclusive os exercícios técnicos, normalmente, não servem para todos os tipos de música.

Odette E. Dias: Não servem. Você tem que saber escolher, olhar os detalhes. Exatamente como estudar. É assim que eu estudo. Tem que fazer uma hora dessa escala? Não! Pega as passagens difíceis no agudo, por exemplo.

Maura Penna: Hoje em dia tem muita gente que estuda pela internet. O que você acha disso?

Odette E. Dias: Tem um lado positivo. Por exemplo, a pessoa vai ter uma aula com o Google, Facebook, ela vê o professor tocar, vai repetir, o professor vai tocar de novo. Ele vai tocar exatamente a mesma coisa que ele já tocou?

Maura Penna: Porque o momento que foi gravado ficou fixado, estático...

Odette E. Dias: Mas, numa aula ao vivo, existe uma troca entre o professor e o aluno... Agora, se o professor tem uma imagem congelada, então... É completamente ilógico, na minha lógica francesa... Como vou continuar? Vou me esforçar para quê? Para essa imagem? Entendeu? Mas muita gente estuda assim. Agora se tem tudo na internet!

Maura Penna: Mas não há interação humana.

Odette E. Dias: Inclusive, o professor até procura passar... é feito uma relação amorosa... Então, na internet, é quase o mesmo que se relacionar com um bloco de gelo.

Maura Penna: Então você está me dizendo que há uma relação, uma interação humana, e até mesmo uma relação amorosa no ensinar?

Odette E. Dias: É. Uma relação amorosa.

Maura Penna: Fale mais sobre isso, Odette.

Odette E. Dias: A relação amorosa é o que há de inesperado numa aula. Quando você começa a aula, não tem plano. O que eu falo para o aluno? O que você vai tocar hoje? Nas minhas aulas, não há uma aula parecida com a outra. Você pode ser testemunha. Não tem um roteiro para a aula, porque o aluno às vezes pode chegar: "Eu não estudei nada". Não tem problema; vamos ver o que a gente faz agora. Eu fazia assim em Brasília, sabe? E dava certo, porque aumenta a curiosidade da pessoa. É a mesma coisa com a relação amorosa. Você vai programar? Vai acontecer isso! E depois vou reproduzir a mesma coisa? Não. O **momento**, se você pensar bem, é muito físico. Você pega a flauta assim, você respira, você vai tirar o som, você vai ouvir. O aluno vê o que você está fazendo. É muito difícil definir o que é o momento. Porque especialmente a flauta é um instrumento muito... – você sabe, você também é flautista – um instrumento muito essencial. Muito simples e muito complexo ao mesmo tempo. São fios de ar dos seus lábios, daqui, que quebra, tem um atrito ali, e aquele som é no ar, não tem como, não tem nada. E o ar, desse instrumento, é muito sensível. Cada segundo, cada milímetro de diferença, e nunca é igual. Às vezes você está contente: "Puxa, hoje estou com o sopro!". Às vezes, você não consegue exatamente, especialmente com a flauta. Não tem palheta, não tem bocal. É só assim o lábio, só ar. O fio de ar. Isso exige muita presença, muita consciência do momento exato, porque nunca vai ser igual.

Maura Penna: Entendo... Essa questão do momento, acho que é também nessa linha que você diz que "a gente aprende a ensinar com cada aluno".

Odette E. Dias: Sim, a gente aprende a ensinar com cada aluno e com a gente mesma. Aí cada aula minha é diferente.

As experiências no Conservatório de Paris no pós-guerra

Maura Penna: Veja só, Odette. Você se formou no Conservatório de Paris, que é um centro de referência do ensino da música erudita. Como é que você compara a sua própria formação, que você teve lá, com a formação que você procura dar aos seus alunos?

Odette E. Dias: Não é tão separada assim.

Maura Penna: Não é?

Odette E. Dias: Não. Quando eu estudei no Conservatório de Paris, a minha situação dentro da sala de aula... eram 12 rapazes. Doze alunos e eu, a única menina. A gente tinha seis horas de flauta por semana. A turma era dividida em dois grupos. Seis alunos de cada vez. Todos os alunos dentro da sala. "Agora toca você!" Cada um tocava uma coisa diferente. Você não tocava junto, repetindo. Nada disso. Você estava sentado, vendo o colega tocar.

Mas, antes disso, eu já tocava piano e tinha começado flauta com um professor particular, que acabei deixando. No fim da guerra, em 1945, eu estava com 16 anos e tinha uma turminha que a gente ia dançar. Um rapaz lá me disse que tocava clarinete. Aí eu toquei um pouquinho de flauta. Ele falou: "Por que você não recomeça?". Então eu procurei aula particular com um professor do Conservatório. Eu pagava a aula com meu dinheiro, porque eu fazia *babysitting*. Sabe o que é?

Maura Penna: Sim; tomar conta de criança.

Odette E. Dias: Comecei quando estava no fim do curso do liceu[19]. O professor me disse: "Você tem uma boa sonoridade, você lê bem. O que você vai fazer na vida?". Falei: "Eu vou estudar Medicina". "Por que você não está fazendo o Conservatório?" Eu disse: "Bom, eu acho que não tenho condição". Mas acontece que eu entrei...

Maura Penna: Conte como era lá...

Odette E. Dias: Era uma coisa espantosa o Conservatório de Paris. Fazia um frio danado, porque ainda tinha racionamento, mesmo depois da guerra. Eu fiz a flauta e estudei música, depois estética e tudo mais. Mas na preparação para o concurso final era o seguinte: nos instrumentos de sopro, a gente tinha que tocar uma peça inédita, contemporânea, composta especialmente para o concurso. Eram composições difíceis, definidas três semanas antes! Na primeira semana, tinha que cantar a peça, decorar a peça; fazia uma leitura. Na segunda semana, era ler tudo, a interpretação, tirar o melhor possível. Era tudo muito intenso, sabe? E na terceira semana era como se apresentar em público. Errou? Esquece. No palco, você deve tocar para o sujeito que entrou lá no fundo, que não sabe nada, que entrou porque estava chovendo, tem que tocar para essa pessoa. Pode pegar fogo ali e você não sai. Você está aqui. Então, era uma coisa forte. A apresentação era pública, saía no jornal, o concurso final no teatro, um teatro do século XVIII, com uma acústica maravilhosa! Concurso público. Eu tirei o primeiro prêmio. Aí eram obrigatórias orquestra, música de câmara, sopro, história da música, estética... Você era muito estimulado! Por que a gente pensa que era quadrado? Não era, não!

Maura Penna: Era isso que eu estava pensado aqui.

Odette E. Dias: Não, não; de jeito nenhum!

Maura Penna: Porque a gente pensa que o modelo era quadrado. Mas, de repente, é a gente que importa o modelo quadrado. O modelo em si, lá, está vivo. Acho também que esse

[19] Equivale ao nosso atual ensino médio.

momento do fim da guerra era um momento muito importante, porque as pessoas estavam recriando a vida livre. A vida sem guerra.

Odette: É, eu peguei a guerra como adolescente. Tive amigos judeus deportados, que morreram no campo de concentração... Depois da guerra, tinha um ambiente... Em 1947, quando entrei no Conservatório, foi uma explosão cultural e de vontade de fazer as coisas. Algo que está faltando no presente: vontade!

Maura Penna: Vontade de viver. Vontade de reconstruir.

A flautista, a professora, a pessoa

Odette E. Dias: Já falei como eu dou aula hoje? As pessoas me procuram pelo meu jeito de dar aula. Mas eu não sei se elas querem entrar na vida profissional. Tem gente que quer ter aula agora só para se expressar.

Maura Penna: Eu comecei a fazer música, a tocar também, sempre buscando um meio de expressão. Na época, eu fazia teatro e também desenhava. Uma série de outras coisas, mas nunca pensei que eu fosse terminar vivendo de música, mesmo que indiretamente, mesmo que sem tocar mais. Mas vivendo de música.

Odette E. Dias: Eu não sei fazer outra coisa. Mas eu estava fazendo música! E por que que a gente faz? Aí que está.

Maura Penna: Aí que está, porque a música, no final das contas, é que dá o **sentido da vida** para a gente[20]. É um meio de expressão, e a gente foi "pega" por ela. Ou nós a adotamos para nossas vidas.

Odette E. Dias: É isso...

Maura Penna: Voltando um pouco, eu acho que você pegou um momento muito especial no Conservatório de Paris. No pós-guerra, com tanta efervescência...

Odette E. Dias: Uma coisa que é difícil... Eu me lembro bastante de minha infância na guerra... Em 1939 eu tinha dez anos, a gente saiu de Paris, uma vez voltamos em 1940... a invasão alemã, eu presenciei toda. Então essas coisas de frio que a gente passava e tudo, por causa da guerra, as aulas continuavam no ensino público, nunca faltava aula. Mas esse ambiente era de privação de muita coisa... Eu me lembro de sair de bicicleta nos arredores de Paris para tentar aumentar um pouco a comida... E tinha perseguição: a Gestapo entrou na minha casa e meu pai foi preso no início da guerra, porque a nacionalidade dele era britânica. Depois disso, ele tinha que se apresentar na polícia todos os dias... Tempos depois, ele foi da resistência...

Maura Penna: Tem um educador português, Antônio Nóvoa, que trabalha com as vidas dos professores. Ele fala que a vida profissional do professor não é independente da vida da pessoa, que a pessoa e o professor estão entrecruzados. Isso é muito claro em você, como professora. Toda a sua experiência de vida, que veio inclusive de um momento muito especial do Conservatório de Música de Paris, no pós-guerra. Toda a efervescência, a abertura, uma série de coisas... A psicologia tem o conceito de resiliência, que é a capacidade de superação, a capacidade de não se deixar abater pelas dificuldades da vida e aprender com elas. Eu vejo você, hoje, como um exemplo de resiliência. Eu sei que você passou por muitas dificuldades, além de todo um contexto da guerra e tal.

[20] Sobre a música como sentido de vida, cf. Aquino (2017), Penna, Pinto e Santos (2018).

Odette E. Dias: E o acidente físico também[21]. Não sei se você se lembra.

Maura Penna: Sim, lembro, sem dúvida. Então eu acho que você é um exemplo para todos nós!

Odette E. Dias: Eu agradeço muito. Fico muito honrada.

Maura Penna: Eu só queria enfatizar isso. Eu queria uma entrevista do seu ser professora. E, agora mesmo, estou chegando à conclusão de que não existe o ser professora sem trazer a sua pessoa.

Referências

AQUINO, Sandra Kalina Martins Cabral de. *Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoteoria*: um estudo com professores de instrumento em duas universidades do Nordeste. Tese (Doutorado em Educação Musical). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ASPAHAN, Pedro. *Territórios da invenção* [documentário em vídeo]. Belo Horizonte: Fundação de Educação Artística, 2017. DVD.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, São Paulo, v. 21, n. 49, p. 263-271, ago. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423783014>. Acesso em: 2 out. 2018.

D'ÁVILA, Raul Costa. Odette Ernest Dias: sensibilidade(s) a serviço da formação de mutiplicadores. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 16., Brasília, 2006. *Anais...* Brasília: ANPPOM, 2006. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/08_Pos_EdMus/08POS_EdMus_05-083.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018

D'ÁVILA, Raul Costa. *Odette Ernest Dias*: discursos sobre uma perspectiva pedagógica da flauta. 2009. 239 f. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9129>. Acesso em: 20 set. 2018.

DIAS, Odette Ernest. Som da cidade: residência em Diamantina. In: CAMPOS, Lucia. *Territórios de invenção*: por uma formação musical expandida. Belo Horizonte: Fundação de Educação Artística, 2017. p. 125-136.

DIAS, Odette Ernest. *Horizonte*. Rio de Janeiro: Fina Flor, 2011. CD.

FRANCISCO, Severino. Família Ernest Dias. In: *Da poeira à eletricidade.* Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012. p. 197-204. (Coleção Arte em Brasília: cinco décadas de cultura.)

LION, Ana. Odette Ernest Dias. In: LION, Ana; DIAS, Sebastião (Orgs.). *A velha guarda do choro no planalto central.* Goiânia: FCS/UFG; FUNAPE, 2012. p. 141-153.

MARTINS, Caroline Christiane de Souza. Política e cultura na história do bumba meu boi: São Luís do Maranhão, século XX. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

[21] Odette refere-se à agressão física que sofreu de um estranho, com risco de morte, em 1992.

MAURO SENISE. *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/mauro-senise>. Acesso em: 1° out. 2018.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013. p. 11-30.

ODETTE ERNEST DIAS. *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/odette-ernest-dias>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiza; SANTOS, Susie. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. *Revista da ABEM*, 2018. No prelo.

Maura Penna é graduada em Música (Bacharelado e Licenciatura) e Educação Artística pela Universidade de Brasília. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora associada I do Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba, atuando na Licenciatura em Música e no Programa de Pós-Graduação em Música (mestrado e doutorado) e coordenando o Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação. Autora dos livros *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música* (Sulina, 2017 – 2ª edição ampliada) e *Música(s) e seu ensino* (Sulina, 2018 – 2ª edição revista, 4ª reimpressão), além de diversos artigos sobre educação musical, ensino das artes, música e cultura, publicados em periódicos científicos, coletâneas e anais de congressos. maurapenna@gmail.com